

***A Mensageira*, um periódico feminista do século XIXⁱ**

Guilherme Barp¹

Cecil Jeanine Albert Zinani²

Resumo

Este artigo tem o propósito de investigar aspectos que compõem a revista literária *A Mensageira*, a fim de analisar a sua relação com o periodismo e as mulheres do século XIX. Para tanto, aportes teóricos dos Estudos de Gênero e da história da imprensa subsidiam o desenvolvimento deste estudo, a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica. Verificou-se que o periódico possui caráter progressista, situando-se na imprensa feminista do século XIX. Além disso, abordou temas inusitados para a época, em relação à mulher, como o direito ao voto e à educação. Por fim, é possível observar que se constituiu como um veículo de resistência para o sujeito feminino desse período e que, apesar de pouco explorada no meio acadêmico, pode ser considerada um *corpus* de estudo relevante.

Palavras-chave: periodismo feminista; Estudos de Gênero; *A Mensageira*

***A Mensageira* magazine, a feminist periodical of the nineteenth century**

Abstract

The aim of this paper is to investigate which aspects constitute *A Mensageira* magazine, in order to analyse its relation to nineteenth-century women and press. The methodology used consists in bibliographic research supported by Gender Studies and press history theoretical approaches. It was evidenced that this periodical has progressist ideals. Thus, it is part of the nineteenth-century feminist press. In addition, its content is uncommon, because it considers themes like women's suffrage and right

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade de Caxias do Sul. Atuou como bolsista voluntário de iniciação científica, em 2017, no projeto de pesquisa intitulado "A leitura do texto literário na perspectiva dos Estudos Culturais de Gênero e da Regionalidade" (LEITURA), coordenado pela Profa. Dra. Salete Rosa Pezzi dos Santos. É bolsista de iniciação científica PROBIC-FAPERGS, desde o segundo semestre de 2017, no projeto "Leitura sob o signo do gênero: recepção do texto literário e regionalidade" (LEITORA1), dirigido pela Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani. Possui a certificação CELTA - Certificate in English Language Teaching to Adults, oferecida pela Universidade de Cambridge (Inglaterra).

² Doutora em Letras - Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui estágio pós-doutoral em Letras - História da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura e no Curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Coordenadora dos projetos de pesquisa "Leitura sob o signo do gênero: recepção do texto literário e regionalidade" (LEITORA1) e "Reiluminação de escritos de autoria feminina na revista *A Mensageira*" (MESSAGEIRA).

to education. Finally, it may be considered as an instrument of resistance to nineteenth-century women and, even though it is not explored much in the academic field, it is a relevant material for research.

Key words: feminist periodicals; Gender Studies; *A Mensageira*

Introdução

A partir da década de 1960, observa-se um crescente interesse por obras de autoria feminina no âmbito dos Estudos Literários. Nessa época, com a instituição dos Estudos Culturais, tal modalidade de literatura foi acolhida pelos Estudos de Gênero. Essa abordagem teórica busca investigar obras escritas por mulheres e sua relação com o sistema literário.

Entre os interesses dos Estudos de Gênero está o resgate e a investigação de textos de autoria feminina, que permaneceram no esquecimento. Tal fato se deu, principalmente, devido à subvalorização da escrita de mulheres no decorrer da história da literatura. O século XIX é um grande exemplo dessa situação: nesse período, as mulheres conquistaram um maior acesso à literatura enquanto leitoras, em comparação aos séculos anteriores. O mesmo ocorreu a elas enquanto escritoras.

Nos oitocentos, em que há um grande crescimento da imprensa, as mulheres passam a contribuir mais efetivamente em periódicos. Em comparação ao livro impresso, cuja publicação teria alto valor – além do fato de que nem todas as tipografias e editores estariam interessados em associar seus nomes a certas autoras, menosprezando a competência da sua arte, frequentemente, considerando-a de baixa qualidade e doméstica –,ⁱⁱ as revistas seriam veículos ideais para as escritoras contribuírem com suas criações literárias. Ainda, a partir do uso de pseudônimos, poderiam camuflar a sua verdadeira identidade,ⁱⁱⁱ evitando possíveis conflitos com a figura masculina a quem estavam associadas. Ademais, a mulher leitora, no contexto do periodismo, também teve a sua condição melhorada em relação a essa

atividade. Com o *boom* das revistas femininas, elas tiveram maior acesso à informação, mesmo que, frequentemente, não passasse de noções de costura e puericultura.

A Mensageira, revista publicada no *fin de siècle*, além de contar com diversos escritos de autoria feminina, tinha uma característica peculiar: era coordenada por uma mulher, Presciliana Duarte de Almeida. O fato de ter sido dirigida por essa escritora é marcante, visto que, nesse período, esse cargo era, frequentemente, exercido por homens. A revista teve longevidade extensa e periodicidade frequente, comparada a outros periódicos da época, femininos ou não. Este artigo pretende investigar diversos aspectos do conteúdo d'*A Mensageira*, de como ela se constitui enquanto um periódico feminista. Às vezes, ela será comparada com outros periódicos, como *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), um dos principais direcionados às mulheres no século XIX. Também, serão discutidas noções sobre a caracterização de revistas em femininas ou feministas, além de uma breve contextualização histórica sobre as folhas orientadas a esse gênero, focalizando o material que circulava no Brasil oitocentista.

Um breve olhar sobre os periódicos direcionados às mulheres

No século XIX, período em foco neste estudo, há duas tendências na imprensa de mulheres: feminina de feminista. Buitoni (1986, p. 16) reitera que “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas”. A mulher é o aspecto central, independente do conteúdo: ambas possuem esse mesmo público-alvo, entretanto, o conteúdo que trazem é diferente, sendo ele que demarca o que será feminino e o que será feminista. Por exemplo, *O Jornal das Senhoras* pode ser considerado feminista, mesmo que traga um feminismo moderado. Apesar de, em seu conteúdo, trazer a moda, coluna de temática frequente em periódicos femininos e tradicionais, também leva a

literatura, as belas artes, o teatro e a crítica literária às mulheres brasileiras. No editorial “As nossas assignantes.”, Juana Paula Manso de Noronha, coordenadora da revista, afirma que

[...] a sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do imperio, Metropoli do sul d’America, acolherá de certo com satisfação e sympathia *O Jornal das Senhoras* redigido por uma senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher. (NORONHA, 1852, p. 1).

A partir do conteúdo e dessas considerações de sua diretora, torna-se mais claro o que caracteriza um periódico como feminino ou feminista. Com o exemplo, é possível alinhar a noção de periódico feminino a abordagens tradicionais, e, feminista, a conteúdos progressistas. Entretanto, essa linha é tênue, pois, para se manterem, essas revistas evitavam qualquer teor muito revolucionário. Portanto, é comum que trouxessem tópicos radicais em meio a algumas colunas convencionais, como é o caso da moda e desse editorial emancipatório d’*O Jornal das Senhoras*, que estão presentes no mesmo número da revista.

A respeito da história dos periódicos de mulheres, Buitoni (1986) apresenta o inglês *The Ladies’ Mercury*, de 1693, como o primeiro de que se tem notícia, no qual a autora ressalta uma característica marcante, o consultório sentimental: “A jovem correspondente escrevia que havia sido seduzida a ponto de abandonar ‘O Espírito da Beleza, minha honra a um devastador infame e lúbrico’, e perguntava se devia confessar ao marido.” (BUITONI, 1986, p. 25). O consultório sentimental iria aparecer frequentemente na posterioridade.

A partir do século XVIII, há um crescimento no periodismo direcionado a esse público. Em terras francesas, Buitoni (2009) apresenta a ideia de Sullerot (1967), dizendo que o *Courrier de la Nouveauté, Feuille Hebdomadaire à l’Usage des Dames*, de 1758, foi o primeiro. Buitoni (2009, p. 30) ressalta que “os precursores da imprensa feminina francesa foram os almanaques que

continham conselhos de economia doméstica e de medicina caseira, fato que também aconteceu em outros países.” Ainda segundo Buitoni (2009), na Alemanha, o primeiro foi o *Akademie der Grazien*, em 1774, que trazia a literatura ao seu público, como, por exemplo, os escritos de Goethe e Lessings. Na Itália, foi o *Toilette*, em 1770.

No Brasil, o primeiro jornal feminino remonta ao século XIX, segundo Buitoni (1986), foi *O Espelho Diamantino*, de 1827, editado no Rio de Janeiro. Muzart (2003) revela que a revista era dirigida por homens, mas tinha as mulheres como público-alvo. Quanto ao primeiro periódico fundado por uma mulher nesse País, Muzart (2003) apresenta o jornal *Belona Irada Contra os Sectários de Momo*, da gaúcha Maria Josefa Barreto, em 1833. Muzart (2003, p. 229) contrasta-o com *O Jornal das Senhoras* ao afirmar que ele

teria sido o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Juana Paula Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino. O jornal, como o nome o indica, polêmico, era um jornal político, muito diferente dos objetivos do *Jornal das Senhoras*. O *Belona* não fez escola, e o que se tornou modelo inicial para os periódicos feministas do século XIX foi o *Jornal das Senhoras*. Maria Josefa não era *lady*, era uma trabalhadora e uma mulher ‘de faca na bota’.

A partir dessa afirmação, é possível ter uma noção da natureza de Maria Josefa e seu jornal: ela, trabalhadora e ‘de faca na bota’; ele, político. Muzart (2003, p. 230), posteriormente, traz mais informações sobre essa pioneira e seu periódico:

Mas temos de pensar que era um periódico fundado na província, com objetivos essencialmente políticos e que, nessa época, o que se passava nesse fim de mundo da Província de São Pedro realmente ali ficava confinado. À diferença do que era realizado na Corte! Creio que Maria Josefa pode ser considerada, pioneira que foi, como feminista e fundadora do primeiro jornal dirigido por uma mulher. E um jornal que provavelmente não trazia nem bordados nem culinária, nem boas maneiras. Por isso, estava muito à frente de seu tempo!

Portanto, além de se considerar o *Belona* como o primeiro periódico dirigido por uma mulher, é necessário ressaltar o seu caráter político, ao contrário do que vinha sendo feito na Corte pelas primeiras mulheres na

direção de periódicos, que discorriam sobre as temáticas comuns ao então universo feminino. Mesmo não sendo necessariamente um periódico feminino ou feminista, conforme as informações que a autora traz, é relevante mencioná-lo, visto que foi o primeiro comandado por uma mulher, e, assim, compartilha tal aspecto com o objeto de estudo deste artigo, *A Mensageira*.

Introdução à revista *A Mensageira*

Sessenta e quatro anos separam a publicação do primeiro periódico dirigido por uma mulher da revista coordenada por Presciliana Duarte de Almeida:^{iv} a primeira edição d'*A Mensageira* foi lançada em 15 de outubro de 1897. Sua publicação era, inicialmente, quinzenal, mas passou a ser mensal a partir de 1899. Tendo a sua última edição em 15 de janeiro de 1900, contou com 36 números, sendo os 24 primeiros publicados quinzenalmente, enquanto os 12 últimos, mensalmente. Luca (1999) revela o motivo de a revista ter tido sua publicação interrompida por quatro meses, de outubro de 1898 a janeiro de 1899: Presciliana estava de luto devido à morte de seu filho, Bolívar. Além disso, a edição de retorno da revista, publicada em 15 de fevereiro de 1899, número 25, comemora a entrada em seu segundo ano de existência. Maria Clara da Cunha Santos, colaboradora da revista, em sua coluna, intitulada “Carta do Rio”, contextualiza esses dois eventos:

Com o presente numero entra a Mensageira em seu 2.º anno de existencia. Esse facto – que attesta a estima e merecimento desta folha – por si só deveria encher de jubilo o coração de sua illustre directora, se elle não estivesse, como está, sangrando ainda de dor! A perda, quasi que repentina, de seu ultimo filhinho, o adoravel Bolivar – formoso lyrio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração – abalou-a fortemente, como é facil de imaginar. Por esse motivo, aliás muito justo, esta revista suspendeu por 4 mezes, sua publicação. (SANTOS, 1987, p. 1).

A assinatura anual da revista custava 12\$000 (réis) por ano; já o número avulso, 1\$000 (réis). Tais informações estão estampadas na página inicial do

periódico. *A Mensageira* era representada, em Paris, por Madame Blanche Xavier de Carvalho, e, no Rio de Janeiro, por Maria Clara. Além disso, a venda avulsa estava presente em São Paulo, na Casa Garraux e na Livraria Brazil; e no Rio de Janeiro, na casa de músicas de Júlia Filippone.

Contou, em sua maioria, com 16 páginas, porém, há algumas exceções. Luca (1999) reitera que algumas edições possuíam 20, 24 e 28 páginas, e que o aumento e a diminuição desses números não era linear, visto que, nos primeiros meses do segundo ano de existência, a revista contava com 24 páginas por edição, e, posteriormente, acabou retornando para as 16 originais. Também, é importante ressaltar que a edição final é a única que possui 28 páginas.

O periódico circulou por diversos estados e Países. A seção “Notas pequenas”, escrita por Presciliana nas páginas finais de cada número, revela informações importantes sobre a distribuição da revista no Brasil. Muitos leitores e editores de outros veículos de comunicação dizem tê-la recebido, e a elogiam.^v A coluna também discorre sobre sua disseminação em outros países, conforme as seções “*A Mensageira* em Paris”, presente no número seis, e “*A Mensageira* no Chile”, contida no número dezesseis, por exemplo.

A Mensageira possuía um público-alvo bem definido: as mulheres. Basta olhar para o seu subtítulo, “revista literária dedicada à mulher brasileira”. O seu objetivo também está relacionado a essa questão, conforme é possível verificar na primeira coluna do primeiro número do periódico, o editorial intitulado “Duas palavras”, escrito por Presciliana, que diz que a revista buscava

estabelecer entre as brasileiras uma *sympathia* espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos. (ALMEIDA, 1987, p. 1).

Esse objetivo é frequentemente ressaltado no decorrer das publicações. Presciliana procurava levar a informação e a arte à mulher brasileira do *fin de siècle*, quebrando as barreiras de espaço, frequentes no Brasil oitocentista. Ao

mencionar o espaço, não se trata apenas da distância entre os estados, muito presente nesse século. Também há a questão de uma revista, que buscava a emancipação da mulher, adentrar o espaço privado, visto que os periódicos, nesse período, possuíam uma maior circulação na vida pública. Se, nessa época, o sujeito feminino ler um romance não era algo muito bem visto, que dirá ter acesso a ideias revolucionárias, como o voto e a educação, presentes em *A Mensageira*, que poderiam esclarecê-lo; assim, revistas com esse teor eram malvistas pela sociedade em geral.

Além desse aspecto, cabe ressaltar o relativamente baixo número de pseudônimos, utilizados por colaboradoras, nessa revista, em comparação às décadas anteriores. Ao tomar como exemplo *O Jornal das Senhoras*, no primeiro número, de 1852, observa-se a intensa preocupação de uma colaboradora com o seu anonimato, que acaba depreciando suas habilidades de escrita, insistindo para que sua coluna seja publicada sem autoria:

Quisestes redigir um jornal, fizeste-o [...]; mas eu a quem Deos não deu miolo para tanto (o que vale é que ninguém sabe quem eu sou) vede lá a diferença; estou tremendo, suando e arfando de cansaço, como se estivesse caminhando a pé até á Tijuca, e por ora ainda não me levantei da cadeira em que ha boa meia hora estou assentada! Esta educação! esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido compreendido! Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é senão o effeito da incompleta educação que recebemos *tão cheia de festas no fim do anno?* Máo, que estou fora da ordem. Pois bem, então guardai segredo, que eu entro em ordem. (ANÔNIMO, 1852, p. 2).

A colaboradora, em meio à súplica pelo anonimato, revela diversas informações relevantes. Ela demonstra insatisfação com a qualidade do ensino direcionado às mulheres, culpando-o por sua escrita insatisfatória, apontando que a instrução está cheia de “*festas no fim do anno*”. No fim do excerto, a autora volta a pedir para que a coordenadora da revista guarde segredo quanto à sua identidade, de maneira que, assim, ela irá se recompor; nessa parte, novamente, é possível observar os impactos do uso de pseudônimo por escritoras.

Em comparação, em *A Mensageira*, a maioria das colaboradoras enviam seus textos utilizando o nome próprio. De acordo com o levantamento feito por Luca (1999), apenas quatro mulheres utilizam pseudônimos: Perpétua do Valle, que se acredita ser Presciliana Duarte de Almeida;^{vi} Ridelina Ferreira, utilizado por Camila Riedel; Ipoméia; e Perce-Neige. Ainda, em suas colunas de notas, Presciliana, às vezes, agradecia publicamente às colegas pelos textos recebidos, expondo-as. Portanto, é possível ver que a questão do pseudônimo passa a ser menos recorrente no fim do século, e como é importante o fato de *A Mensageira* contar com várias escritoras identificadas, sem medo de se alinharem aos ideais da revista, lutando contra a pressão social de “não escrever bem” ou ser reconhecida num veículo com conteúdo feminista, que atingia escritoras como a anônima de *O Jornal das Senhoras*.

Assim, a revista atuava divulgando, principalmente, frutos do labor artístico produzidos por mulheres, sem contar os feitos nas mais diversas áreas do conhecimento, trazendo também textos que lutavam em prol da emancipação e do desenvolvimento de sua intelectualidade nesse período, sendo assim, literalmente, uma mensageira.

O conteúdo d’*A Mensageira*

Quanto às páginas iniciais da revista, estão estampados sumários, editoriais ou retratos, que prestam homenagem a alguma personalidade, brasileira ou estrangeira, da época: Almeida Júnior, Maria Clara da Cunha Santos, Áurea Pires, Madame Dreyfus, Júlia Lopes de Almeida, Dr. Cândido Espinheira.

Ainda sobre os elementos visuais, além desses retratos, cabe ressaltar que a revista não conta com muitos recursos nesse aspecto, observando-se vinhetas com pequenos desenhos, normalmente, arabescos, no decorrer da

revista, que atuam como divisórias entre as colunas, ou também pássaros, flores, moscas, borboletas, anjos, sapos.

A Mensageira contava com colaboradores do Sul ao Nordeste do País, além de alguns estrangeiros. No levantamento feito por Luca (1999), consideraram-se ao todo 74 colaboradores, sendo 41 homens e 33 mulheres; entretanto, a autora revela que, apesar do número superior de homens, a maior parte dos textos publicados são de autoria feminina. O grande número de participantes, além de quase similar ao de homens, numa época que a atividade literária não era tão comum à mulher, é um aspecto a ser ressaltado. É possível levantar a ideia de que Presciliana estava bastante interessada em divulgar a produção literária de mulheres.

Relativo ao Brasil, alguns nomes femininos, que contribuíram com a revista, são muito lembrados na história da literatura, sendo até mesmo famosos no meio literário da época. Por exemplo, pode-se considerar os nomes de Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Auta de Souza, Revocata Heloísa de Melo, Inês Sabino, Josefina Álvares de Azevedo e Adelina Amélia Lopes Vieira. A colaboradora mais assídua é Maria Clara da Cunha Santos. Algumas mulheres deixaram apenas publicações esparsas; também, enviaram textos apenas utilizando pseudônimos, permanecendo inidentificáveis. Quanto aos homens, que configuram nomes consagrados na literatura, também têm seus escritos na revista, entre eles, Sílvio de Almeida e Damasceno Vieira.

A revista, aparentemente, não estava interessada em trazer as abordagens recorrentes das revistas femininas, mencionados anteriormente, como o popular consultório sentimental, por exemplo. A respeito disso, Luca (1999) reitera que assuntos como sugestões para a manutenção do lar, boas maneiras e noções elementares de puericultura, por exemplo, estão ausentes. A revista tinha outro objetivo, feminista, diferente da missão da maioria dos periódicos femininos da época. *A Mensageira* conta com diversos tipos de escritos, promovendo, principalmente, a propagação das criações literárias de

seus colaboradores, assim, apresentava contos, crônicas, ensaios, poemas, fragmentos de peças de teatro, necrológios, resenhas críticas, cartas, artigos de informação e notícias,^{vii} textos sobre cultura.

Algumas colunas eram fixas, aparecendo em várias edições. Em “Notas pequenas”, Presciliana escrevia algumas comunicações ligadas à revista, de caráter informativo, aos seus leitores, sobre a edição em questão e os números seguintes, além de notícias diversas. Por exemplo, eis parte da coluna publicada no número 3, em 15 de novembro de 1897:

A Estação - Os numeros 19 e 20 desta magnifica folha de modas vêm repletos de bonitos figurinos e trazem ainda excellente parte literaria [...]. **A Viuva Simões** - Não nos foi possível dar hoje a promettida critica daquelle romance de Julia Lopes de Almeida, pelo que pedimos desculpas a nossas leitoras. **Aos nossos assignantes**, tanto desta capital como de fóra, rogamos o obsequio de nos enviarem a importancia de suas assignaturas até o fim do mez, antecipando-lhes por essa fineza a nossa gratidão. (A MENSAGEIRA, 1897, p. 48).

A “Carta do Rio”, coluna escrita por Maria Clara da Cunha Santos, também está presente durante grande parte da longevidade d’*A Mensageira*.^{viii} Neves (2009, p. 60) aponta que essa coluna explorava

[...] trechos da vida carioca de então, impressões da escritora sobre arte, considerações sobre comportamentos e relações familiares, breves notas sobre publicações e exposições, espécie de colunismo social tratando de festas e eventos importantes, algumas anedotas etc.

Pode-se resumi-la em notícias e, em algumas edições, a críticas de arte, escritas sob a forma de crônica, conforme é possível observar no número 3 da revista, por exemplo:

Ha dois dias que esta grande capital está sob a dolorosa impressão que causou o nefando attentado contra o Presidente da Republica e occasionou a morte do inclyto e valoroso Marechal Bittencourt. A expressão do pezar e da mágoa lê-se em todos os semblantes. [...] O mais importante acontecimento artistico da quinzena foi, sem duvida, a exposição de pintura da <<Escola ao ar livre>>, dos alumnos do paysagista Parreiras. São 4 os expositores, entre elles uma senhora, e 60 os quadros. [...] O quadro n.º 21 – Rancho de Camaradas – é dfficilimo mas não agrada geralmente. As brazas daquelle fogão rustico que os

camaradas costumam fazer nos ranchos, são brazas verdadeiras, sente-se que aquella côr é quente, é de fogo; mas o aspecto geral é triste, não impressiona bem. [...]. (SANTOS, 1987, p. 36).

A partir desse trecho, observa-se a técnica de Maria Clara ao se dedicar ao gênero crônica. Também, é possível verificar seu conhecimento de arte e sua habilidade ao criticar obras.

Algumas colunas são recorrentes no decorrer da história da revista. Por exemplo, “Seleccção”, feita por Presciliana, que traz citações de personalidades famosas, principalmente, relacionadas à literatura, como Madame de La Fayette e Walter Scott. Além dessa, há “Chronica omnimoda”, de João Vieira de Almeida, em que o escritor, que pode ser considerado mais tradicional, retrata, com técnica consistente e conhecimento profundo do gênero, alguns acontecimentos do Brasil nesse período, como é possível verificar no seguinte trecho, publicado no primeiro número da revista:

Atravessamos uma época de comemorações. Ha poucos dias, celebrámos o anniversario do portentoso descobrimento de Colombo; e já nos preparamos para recordar a maravilhosa travessia de Vasco da Gama! India e America; Christovam Colombo e Vasco da Gama! Assumptos, só dignos de serem tractados por um Homero ou um Camões!!!... Mudemos de clave... (ALMEIDA, 1897, p. 13).

Além dessas, mais frequentes, há diversos poemas, publicados em todas as edições. Por fim, é relevante mencionar algumas outras colunas, menos assíduas, por exemplo, “Impressões de leitura”, de crítica literária, realizada por Perpétua do Valle. As conquistas femininas da época e os direitos das mulheres são temas comuns nas colunas da revista, como em “O suffragio feminino em A Nova Zelandia”, transcrita d’*O Paiz* e publicada no número 5, e “Le féminisme au Brésil”, no número 30.

Considerações finais

Dessa maneira, é possível observar *A Mensageira* como sendo uma revista progressista, que faz parte da imprensa feminista do século XIX. Sua longevidade, de dois anos – estando presente em três anos diferentes –, pode ser considerada extensa, comparada à maioria dos periódicos de mulheres da época, como *A Família* (1888-1889), *A Camélia* (1890), *Revista das Modas* (1892), *O Ramalhete* (1898), *A Borboleta* (1898), por exemplo, que, segundo Buitoni (2009), duraram um curto período. Mesmo veiculando publicações “polêmicas” para a época, em relação à mulher, *A Mensageira* conseguiu se manter. Polêmicas, nesse sentido, devido ao teor de feminismo que está presente no seu conteúdo. A maioria dos periódicos femininos oitocentistas atribuíam ao sujeito feminino uma postura e um comportamento convencionais, enfatizando os papéis de mãe, esposa e dona da casa. Uma revista que abordasse temas como a educação e o direito ao voto desse gênero poderia ser vista, por mentes tradicionais, como uma afronta à sociedade. *A Mensageira* enfrentou esses preconceitos sociais, levando a informação para qualquer pessoa que a lesse. E é nesse sentido que a revista também se torna significativa para os Estudos Literários e de Gênero, pois valoriza a mulher como leitora, atuando como uma mensageira de conhecimento e literatura. Além disso, privilegia a mulher como escritora, ao divulgar a produção literária feminina de grande parte do País.

Assim, verifica-se a importância de estudar *A Mensageira*, que não é muito explorada no meio acadêmico. Apesar de citada em alguns estudos referentes ao periodismo de mulheres, poucos estudiosos investigam efetivamente seu conteúdo. *A Mensageira* é um *corpus* de extremo valor não apenas para a literatura, mas para as diversas áreas do conhecimento, e também para buscar compreender a realidade feminina do fim do século XIX.

Referências:

ALMEIDA, João Vieira de. Chronica Omnimoda. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 13.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. 2 v.

_____. Duas palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 1-2.

ANÔNIMO. O vosso convite. *O Jornal das Senhoras*: modas, litteratura, belas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, jan. 1852. nº 1. p. 2.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Mulher de papel*: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

LUCA, Leonora de. *A mensageira*: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280414>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

NEVES, Maria Alciene. *Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp088199.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

NORONHA, Juana Paula Manso de. As nossas assignantes. *O Jornal das Senhoras*: modas, litteratura, belas-artes, theatros e critica, Rio de Janeiro, jan. 1852. n. 1. p. 1.

NOTAS PEQUENAS. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 48.

O JORNAL DAS SENHORAS: modas, litteratura, belas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1852.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 36-38.

_____. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 2. p. 1-2.

VASCONCELLOS, Eliane. Presciliana Duarte de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v. 2.

ⁱ Para realizar este estudo, recorreu-se à versão fac-similar da revista, publicada em dois volumes, pela Imprensa Oficial do Estado e a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, em 1987.

ⁱⁱ É possível observar, na imprensa, os impactos da subvalorização da escrita feminina, ao investigar o primeiro número de *O Jornal das Senhoras*, publicado em 1º de janeiro de 1852. Uma escritora anônima, ao ser convidada para contribuir no periódico, inicia a sua coluna com as seguintes considerações: “[...] Estou surpreendida do horroroso convite que me fizestes! Eu, pobre de mim, que sabeis o quanto sou estouvada e leviana, mettida agora a escrever artigos, e, não é nada, artigos para serem publicados em letra redonda, coisa a que uma certa parenta minha tinha tanta aversão que lhe chamava – *garatujas* – é por certo horrível! arripia-me os cabellos! O que escreverei eu?! Está visto, um montão de coisas fôfas sem rei nem roque.” (ANÔNIMO, 1852, p. 2).

ⁱⁱⁱ Em *O Jornal das Senhoras*, por exemplo, há a seguinte nota da editora na última página do primeiro número: “Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.” (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 8).

^{iv} Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) foi uma escritora mineira, mais conhecida devido à fundação d’*A Mensageira*. Luca (1999) revela que, na sua revista, Presciliana utilizava, além do seu próprio nome, o pseudônimo Perpétua do Valle e o heterônimo M.P.C.D. (algumas iniciais do seu nome de batismo, Maria Presciliana Vilhena da Cunha Duarte) para assinar as colunas. Nasceu em Pouso Alegre, cidade de Minas Gerais, e, posteriormente, mudou-se para São Paulo. Casou-se com o primo e também escritor, Sílvio de Almeida, com quem teve três filhos (LUCA, 1999). Em Pouso Alegre, lançou o jornal quinzenal *O Colibri* (1886-1890), juntamente à prima, Maria Clara da Cunha Santos (LUCA, 1999). Luca (1999) ainda reitera que, em 1890, as parentes lançaram um livro, prefaciado por Adelina Amélia Lopes Vieira, irmã da famosa escritora Júlia Lopes de Almeida, que contém, no mesmo volume, a produção literária das primas: *Pirilampas*, de Maria Clara, e *Rumorejos*, de Presciliana. De 1897 a 1900, Presciliana focou-se na sua própria revista. Apesar do fim da publicação d’*A Mensageira* no início do novo século, a escritora continuou a se dedicar à vida literária, colaborando em diversos periódicos. Vasconcellos (2004) também ressalta que a autora publicou *Sombras* (1906), *Páginas infantis* (1908), *Livro das aves* (1914) e *Vetiver* (1939). Foi membro da Academia Paulista de Letras.

^v Por exemplo, na página final do número 15 da revista, observa-se o seguinte excerto, retirado da *Gazeta de Petrópolis*: “Recebemos: *A Mensageira*. – N. 14 de 30 de Abril ultimo. O presente está interessante pelo grande numero de trabalhos em prosa e verso, firmados por conhecidas e laureadas pennas. Julia Lopes, a primorosa escriptora, insere uma bella pagina – *No meu atelier*.” (A MENSAGEIRA, 1898, p. 240).

^{vi} Presciliana Duarte de Almeida publicava, na maioria das vezes, utilizando o seu próprio nome. É comum observar a assinatura “Perpétua do Valle” nas colunas de crítica literária. Já M.P.C.D., que se acredita que também pertença a ela, não se encaixa nessa lista, pois se trata de um heterônimo.

^{vii} Principalmente, no que diz respeito à realidade feminina. Também abordavam-se as conquistas das mulheres em outras áreas, além da literatura, como o direito e a medicina, por exemplo.

^{viii} Neves (2009) informa que “Carta do Rio” não aparece em quatro números da revista: no primeiro, Maria Clara envia uma carta introdutória em vez de publicar sua coluna; nas edições 13 e 14, ela viajava a São Paulo, em companhia do marido; no número 36, estava passando por “ligeiros incômodos de saúde”.